



O JORNALISTA E SUAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS

Isabel Travancas

UFRJ

Introdução

A literatura ocupa um lugar de destaque nas sociedades ocidentais, desde antes da modernidade. Os textos literários tiveram grande poder de penetração nos mais diversos grupos sociais, ajudaram a construir mitos e a romancear atividades e profissionais, como foi o caso da imprensa e dos jornalistas. O “quarto poder” e seus agentes foram e continuam sendo na atualidade tema e protagonistas de diversas obras de ficção. É possível afirmar que a literatura imortalizou algumas imagens do jornalista; representações que certamente marcaram os futuros repórteres. Herói e bandido estiveram presentes em diferentes romances. O vilão é representado pelo profissional que não mede esforços para conseguir seus objetivos e dar um “furo” de reportagem. Sem caráter e trafegando pelo submundo do crime, ele não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos e é esta representação a mais presente na literatura de um modo geral. Isso não acontece com os livros-reportagem ou de histórias de vida, como é o caso de **Todos os homens do Presidente** de C. Bernstein e B. Woodward sobre a cobertura do escândalo Watergate. Este acontecimento se tornou emblemático do modelo de jornalista-herói que coloca a profissão acima de tudo e luta até o fim pela verdade dos fatos. O livro virou filme com mesmo título e contou com a atuação de Dustin Hoffman e Robert Redford nos papéis principais.

Duas obras clássicas são referência fundamental para pensar o jornalista na literatura: **Ilusões perdidas**, de Honoré de Balzac e **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, de Lima Barreto. O romance francês **A Comédia Humana** traça um retrato da França em meados do século XIX, época em que Paris é a grande capital européia, a burguesia está em plena ascensão e os conflitos sociais explodem por toda parte. É o período em que se dão grandes transformações, como o surgimento do trem a vapor e o aparecimento das lojas de departamento para felicidade das mulheres. Os salões literários são verdadeiros



acontecimentos que reúnem não apenas literatos, mas jornalistas e políticos. A imprensa tem um lugar de destaque neste contexto. Longe de funcionar como uma empresa nos moldes capitalistas e com funcionários assalariados, ela é ainda profundamente amadora, com laços estreitos com grupos políticos e com um enorme poder de influência.

É no segundo episódio da obra – **Ilusões perdidas** -, que o escritor apresenta a sua visão crítica da imprensa e dos jornalistas, através da trajetória de Lucien Chardon, personagem provinciano seduzido pela capital e pelo desejo de sucesso. Basta lembrar que Balzac se referia aos jornais como “*câncer que talvez devore o país*” e não tinha piedade ao mostrar os jornalistas como inescrupulosos e superiores aos fatos. Lima Barreto em **Isaías Caminha** além de narrar a luta contra o preconceito racial, apresentava de forma crítica a mediocridade presente na imprensa e na literatura. Nota-se que estes dois romances enfatizam o mesmo lado da moeda: o jornalista sem caráter trabalhando em uma imprensa, nem sempre corrompida, mas inúmeras vezes leviana e agindo apenas em função de seus interesses particulares. Não há nada de heróico nos personagens de Balzac e Lima Barreto.

Entendo aqui herói nos termos que R. Helal(Rocha,1998:138) utiliza para discutir este papel na atualidade. Herói como

“quem conseguiu, lutando, ultrapassar os limites possíveis das condições históricas e pessoais de uma forma extraordinária, contendo esta façanha uma necessária dose de ‘redenção’ e ‘glória’ de um povo. Mas, para que sua trajetória heróica alcance este status, é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as façanhas do herói afirmam.”

O que ele está afirmando na verdade é que todos os grupos sociais de alguma forma fabricam seus heróis.

Mas a literatura de maneira geral, e estes três romances em particular, - **Bel-ami** de Guy de Maupassant; **Adeus princesa**, de Clara Pinto Correia e **O vôo da rainha**, de Tomás Eloy Martinez-, não procuram representar o jornalista como o herói urbano. Ele aparece sobretudo como bom *vivant*, ambicioso, sedutor e boêmio, e não como o homem público preocupado com o bem comum e com a esfera pública, nos termos de R. Sennett(1988:27). Sennet afirma em sua obra que há uma tirania da intimidade e que esta provocou um declínio do interesse pelo mundo público nas sociedades modernas e individualistas. A meu ver, o jornalista poderia ser visto como um dos últimos representantes deste homem público.



Em *Bel-ami*, publicado em 1886, Guy de Maupassant narra a história do jovem George Duroy, modesto, ambicioso e sedutor, que sobrevive em Paris com um emprego miserável até encontrar Charles Forestier, antigo companheiro de exército. Forestier lhe acena com um trabalho como jornalista na *Vie Française*. A partir deste encontro, a vida de Duroy se transforma completamente. Ele entra para o jornal sem saber escrever sequer uma notícia, mas conta com o apoio da bela esposa de Forestier. Sua trajetória amorosa, profissional e financeira será de muito sucesso. E para isso Duroy não vai economizar esforços nem se preocupar com a ética. O protagonista da história de Maupassant percebeu rapidamente que esta carreira seria a ponte, ou melhor o trampolim, para sua ascensão social e financeira, sua entrada na cena parisiense, permitindo-lhe freqüentar com desenvoltura a elite política e financeira francesa.

O romance narra as peripécias amorosas de Duroy. Suas amantes, sua ambição sem escrúpulos e seu poder cada vez maior. Seu sucesso está acima de tudo. Ele não hesita em ser amante da mulher de um homem poderoso ou se casar com a jovem filha de um membro da elite, se isto lhe convier. O jornalismo não aparece como missão nem como paixão. As rotinas deste profissional demonstram o quanto ele valoriza o lugar que conquistou na sociedade graças ao jornalismo, ao mesmo tempo em que despreza o seu ofício. Escreve seus artigos sempre com a ajuda dos outros, sem se preocupar com a veracidade dos fatos, muito menos com as conseqüências dos mesmos.

Balzac, tanto em **Ilusões Perdidas** quanto em **Os Jornalistas**, não poupa nem a imprensa, nem os seus profissionais. É categórico em afirmar que “*se a imprensa não existisse, seria preciso não inventá-la*”. Vale notar que já Maupassant, embora esteja falando do mesmo tema e praticamente do mesmo período que seu contemporâneo francês, sua perspectiva é, sem dúvida, menos ácida e corrosiva. Há uma certa simpatia do autor pelo protagonista de **Bel-ami**, ainda que as atitudes do jornalista não sejam louváveis. No entanto, Maupassant propicia a seu personagem uma certa “descoberta” do mundo, da vida parisiense, das hipocrisias da elite francesa. E Duroy se esmera nessa aprendizagem.

“Conheceu os bastidores dos teatros e da polícia, os corredores e vestibulos dos homens de Estado e da Câmara dos Deputados, as figuras importantes dos Attachés de gabinete e as caras dos contínuos aborrecidos. Tornou-se em pouco tempo um ótimo repórter, seguro de



suas informações, astuto, rápido, sutil, um verdadeiro valor para o jornal, como dizia Walter, que era conhecedor de redatores.”

Ele, como Chardon, não é de Paris, veio do interior, onde ainda vivem seus pais. E está também fascinado pela cidade, pela vida urbana, pelo jornalismo.

Afinal, o jornalista é antes de tudo um habitante da cidade. O mundo urbano tem características e particularidades que se combinam e se misturam no jornalismo. Quando Simmel (1979) cita como características dos indivíduos da cidade a superficialidade, o anonimato, as relações transitórias, a sofisticação e a racionalidade, é difícil não associá-las ao jornalista. Não que elas sejam exclusivas desta carreira, mas nela se expressam com intensidade. E por isso é possível estabelecer uma relação tão íntima entre este profissional e a cidade como se percebe nos textos citados. A cidade, mais intensamente a metrópole, como afirma Simmel determina um novo modo de vida, novas relações sociais e uma ampliação das ocupações resultantes do desenvolvimento técnico associado ao transporte e à comunicação. Não há apenas novos e diferentes meios de comunicação, mas um processo que ocorre também, agora, a partir de meios indiretos.

O desencantamento é a marca do texto literário da portuguesa Clara Pinto Correia. Seu livro *Adeus, princesa*, escrito no final da década de 1990, conta a história do assassinato de um mecânico alemão no interior de Portugal, através da cobertura jornalística realizada pelo estagiário Joaquim Peixoto e pelo fotógrafo Sebastião Curto. Os dois jornalistas são da “cidade grande”, - eles vêm de Lisboa -, seus olhares são de estranhamento e de um certo desprezo pela região do Alentejo, considerada atrasada. Neste romance policial, cuja descoberta do assassino não é o foco da narrativa, há muitos personagens desencantados. A jovem Maria Vitória Rosado, 18 anos, principal suspeita do crime e todos os seus jovens colegas se mostram desesperançados. O único personagem que acredita no seu próprio trabalho, e procura realizá-lo da melhor forma possível é o estagiário inexperiente, ignorante ainda das artimanhas da profissão. Na verdade, a cobertura é sua primeira grande experiência jornalística, já que trata-se de um “foca” no jornal e na vida. E ele não esconde sua decepção com os rumos da reportagem e com o texto final. É Sebastião Curto que lhe “ensina”:



“Não penses que eu não entendo o que tu sentes. Estou nesta vida há anos, e já assisti a muitas estréias. Há sempre um momento bestialmente doloroso em que vocês descobrem que o que escrevem nunca é o que as pessoas envolvidas gostariam que tivessem escrito.”

E se a cidade é o espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e “tribos” diferentes, o jornalista vivencia com mais intensidade este fato em seu cotidiano. Transitar por distintas esferas da metrópole, desvendando territórios heterogêneos e construindo um mapa, para muitos habitantes desconhecido, é uma das funções do repórter - figura paradigmática do jornalismo – que, com as suas tarefas de apuração dos fatos e redação da notícia, se torna uma espécie de cidadão do mundo. O jornalista atravessa fronteiras e tem acesso livre à quase todos os lugares. Dos meios oficiais aos marginais e perigosos. Essa convivência e proximidade com inúmeros segmentos da sociedade num alto grau de heterogeneidade geram no repórter um ar “blasé” diante da vida, do qual fala Simmel ao descrever o indivíduo da cidade. Recebendo uma grande quantidade de estímulos, entrando em contato com diferentes realidades e diferentes pessoas a cada dia, o jornalista precisa se proteger desse excesso de estímulos produzidos pela metrópole e pela sua experiência profissional, como vemos demonstrada na figura de Sebastião Curto, o fotógrafo experiente e desiludido com o papel da imprensa.

O vôo da rainha¹, do escritor argentino Tomás Eloy Martínez, publicado no Brasil em 2002, faz parte da coleção “Plenos Pecados” da editora Objetiva, na qual diferentes escritores foram convidados a produzir textos de ficção tendo um dos pecados como tema. Não é por acaso que a vida de um jornalista, que torna-se um poderoso homem de imprensa, é o protagonista desta história sobre a soberba. Trata-se de um profissional extremamente bem sucedido, com poder e glória, mas atormentado por não ter encontrado a felicidade. Ele, Camargo comanda os destinos do jornal, em muitos aspectos de seus funcionários e interfere diretamente nos acontecimentos da nação argentina. E se mostra, ao longo de toda a narrativa disposto a pagar qualquer preço para obter o que deseja: uma jovem repórter, Reina, que o fascina e encanta, mas o abandona. E isto Camargo não perdoa. Com toda sua arrogância prepara uma vingança contra sua amada, usando todas as artimanhas que sua posição lhe permite. Manipula o jornal contra ela, encontra aliados em seus concorrentes, preparando-se para um desfecho trágico.

¹ Vale lembrar que o livro faz referência direta e explícita ao caso do diretor do jornal **O Estado de S. Paulo**, Antonio Pimenta Neves que em 2001, após ter contratado e promovido a namorada, a assassina por não ter suportado ser abandonado por ela.



Camargo está ligado ao jornal visceralmente. Ele atende seu telefone celular não importa onde estiver. Nunca a primeira página do diário é fechada sem a sua autorização ou interferência. Suas filhas só contam com a sua ausência, mesmo nos momentos mais dramáticos. Sua ex-mulher conta com seu auxílio financeiro. Não parece haver sentimentos em jogo. O jornal está sempre na frente, em qualquer situação, doa a quem doer. Até que Reina entra em cena. Tudo se transforma e ele perde o controle. Embora, nas palavras de Camargo, *“como seria melhor o jornal se ele pudesse escrever sozinho. Como seria melhor o mundo se ele o escrevesse”* a realidade se impõe diferente do sonho, da soberba. Aqui vemos o jornalismo e suas rotinas associadas diretamente à arrogância e à presunção. “Deslizes” éticos são constantes tanto por parte dos repórteres quanto de seus editores. A imprensa colocou-os em um lugar especial, de destaque. Nesta narrativa, que tem a cidade de Buenos Aires do início do século XXI como pano de fundo, com todas as mazelas das grandes cidades desta época com violência, injustiça social e corrupção, não aparece o repórter ingênuo de Adeus, princesa que tenta entender sua entrevistada, que se comove com a sua história. Mesmo Reina sabe desde o começo o que quer. É ambiciosa e *“desde que entrara no jornal considerava aquele trabalho uma benção em que iria superando uma prova após outra ao longo de muitas semanas, até que algum editor reparasse nela e proclamasse seu talento.”* Ela era uma jovem de classe média de Buenos Aires que buscava conquistar seu lugar na capital.

E se o mundo urbano é o local privilegiado do anonimato em oposição ao campo ou à cidade pequena, para o jornalista esta vivência se torna marcante para a obtenção de sucesso e *status*. O jornalista está atrás de um “furo” que nada mais é do que a possibilidade de diferenciação dentro da profissão, de individualização, de conquista de notoriedade e, portanto, de escape do anonimato, o que significará ter seu nome impresso na primeira página do jornal e ser reconhecido pelos colegas e pela sociedade. Esta situação está presente nas três obras analisadas, de diferentes maneiras.

Para Adorno e Horkheimer(1991), importantes pensadores da Escola de Frankfurt, a imprensa, em particular, e a indústria cultural como um todo, não têm saída. Os jornais visam o lucro e os jornalistas buscam o furo e a notoriedade. E isso dá à mídia uma feição muito peculiar, segundo os autores. Ela terá sempre fins capitalistas, valorizando o sensacionalismo e o entretenimento, o que a impossibilitará de se tornar informativa e democrática..



O que se pode notar em uma rápida reflexão sobre algumas obras literárias de diferentes épocas, autores e nacionalidades, é o quanto estas narrativas estão impregnadas por esta visão “adorniana” da imprensa e dos jornalistas. Pode-se afirmar que Balzac, Maupassant e Lima Barreto são anteriores à Escola de Frankfurt. Mas não se trata aqui de buscar uma filiação ou mesmo uma genealogia nesta análise, mas perceber os pontos de contato com esta importante corrente de reflexão sobre a indústria cultural e seu alcance nas sociedades contemporâneas.

Adorno e Horkheimer, assim como Balzac, Maupassant, Lima Barreto, Correia e Martinez, com suas inúmeras distinções e estilos constroem uma representação dos jornais e de seus jornalistas, bastante desencantada. Não há aqui espaço para o jornalista que busca noticiar a verdade acima de tudo, que assume um compromisso ético com seus leitores, que procura ser um guardião da liberdade de expressão e informação, trazendo para as páginas dos jornais uma informação isenta e objetiva. Aqui o jornalista não é o herói.

Conclusão

A análise destas obras de diferentes escritores em diferentes épocas, tendo o jornalista como personagem central de suas histórias, me permitiu chegar a algumas conclusões. A literatura privilegiou e continua privilegiando a imprensa e sua figura mais paradigmática – o repórter – como tema de seus romances.

Entretanto, gostaria de chamar a atenção para o fato de as representações mais frequentes dos jornalistas na literatura serem diferentes das que pude detectar no cinema (Travancas:2001), onde aparecem com igual dimensão o herói e o bandido. Nas obras literárias que analisei, este profissional tem uma imagem muitas vezes ambígua ou contraditória, fascinando e atraindo em muitas ocasiões, mas também sendo mostrado inescrupuloso, desonesto ou mau caráter.

A profissão de jornalista exige de quem a escolhe um envolvimento e uma dedicação particulares e pelo fato de significar bem mais do que uma atividade ou emprego na vida de seus profissionais, ela gera um *estilo de vida* e uma *visão de mundo* específicos. É o que se pode observar nas obras citadas. Cada um dos protagonistas apresenta um *estilo de vida* totalmente impregnado pela profissão. Eles têm suas rotinas determinadas pelo trabalho, seus



hábitos de consumo de bebida e cigarro associados à tensão da profissão, suas relações afetivas profundamente contaminadas pela carreira, seu tempo completamente controlado pelo jornal. Ainda que sejam fruto de sociedades modernas ou em vias de modernização, não aparecem como donos do seu tempo, mas subordinados à engrenagem da redação e da notícia, trabalhando na intensidade do fato.

Quanto à *visão de mundo* específica dos jornalistas, creio que os personagens explicitam esta particularidade. Pierre Bourdieu afirma que “*os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem as coisas*”. Seguindo nesta direção, poderia dizer que os personagens dos três romances “usam” estes óculos na medida em que se relacionam com os fatos e com o mundo a partir da idéia de notícia. Nos três casos apurar ou redigir uma notícia, transformá-la em realidade através das matérias, é a possibilidade de estar no mundo, de ganhar visibilidade, prestígio e sucesso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. RJ: Zahar, 1991.
- BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. In: *A comédia humana*. SP: Globo, 1990.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. RJ: Ediouro, 1980.
- BERNSTEIN, Carl & WOODWARD, B. *Todos os homens do Presidente*. RJ: Francisco Alves, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. RJ: Zahar, 1997.
- CORREIA, Clara Pinto. *Adeus, princesa*. RJ: Rocco, 2001.
- HELAL, Ronaldo. *Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia*. ROCHA, Everardo(org). *Cultura e imaginário*. RJ: Mauad, 1998.
- MARTINEZ, Tomás Eloy. *O vôo da rainha*. RJ: Objetiva, 2002.
- MAUPASSANT, Guy de. *Bel-ami*. SP: Martins Editora s. d.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. SP: Companhia das Letras, 1988.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. VELHO, Otávio(org). *O fenômeno urbano*. RJ: Zahar, 1979.
- TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. SP: Summus, 1993.
- _____. *O jornalista como personagem de cinema*. Campo Grande, Intercom, 2001(Cdrom)